



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da autorização de início das obras de urbanização integrada do PAC nas comunidades de Pavão/Pavãozinho e Cantagalo

Rio de Janeiro-RJ, 30 de novembro de 2007

Bom dia.

Sérgio Cabral,

Companheiro Márcio Fortes,

Companheiro Carlos Lupi,

Companheiro Gregolin,

Companheiro Pezão, vice-governador,

Senador Crivella,

Deputados federais Jorge Bittar, Edson Santos, Deley, Chico D'Angelo,
Luiz Sérgio, Edmilson Valentim,

Nossa querida companheira Maria Fernanda, Benedita da Silva,

Secretários do estado,

Secretários municipais,

Vereadores,

Companheiros e companheiras da comunidade,

Quero cumprimentar também o Reginaldo Assunção Silva, presidente regional da construtora,

Quero cumprimentar o Marcos Antônio Silva de Carvalho, presidente da Associação de Moradores de Pavão e Pavãozinho,

Companheiro Luiz Bezerra de Nascimento, presidente da Associação dos Moradores de Cantagalo,

Companheira Flávia Marinho e senhor Luís Erlanger, colaboradores do projeto Criança Esperança,



Jairo Coutinho, coordenador do Espaço Criança Esperança, no Cantagalo,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras das comunidades de Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

Bem, seria desnecessário qualquer discurso do presidente aqui, depois de ouvirmos o governador do estado assumir o compromisso com vocês de que, junto com a inauguração da obra, todo mundo que não tem o título da sua terra vai ter o título, para que tenha certeza de que o terreno é seu e não virá nenhum prefeito, nenhum governador enxerido mandar a polícia tirar os companheiros de lá.

Só essa notícia já valeu o dia, Sérgio, porque as pessoas que não vivem com necessidade não têm dimensão do que significa o título para uma pessoa que mora em condições precárias. Primeiro, a pessoa não pode nem ter o nome da rua. Segundo, a pessoa não pode nem comprar a prestação. Em qualquer dessas lojas aí, quando pedem o endereço, não tem endereço. Depois, as pessoas pedem conta de luz e não tem conta de luz. Então, na verdade, a pessoa só é meio-cidadão ou meio-cidadã, não é cidadão ou cidadã pleno. Agora, se as pessoas moram em condições, eu diria, sofríveis, e ainda não têm o título daquele pedacinho de chão em que elas foram criadas e em que criaram os seus filhos, tudo fica pior.

Então, Sérgio, essa sua decisão é uma decisão de grandeza, é uma decisão que eu acho que justifica a gente ter um mandato, seja de prefeito, governador ou presidente da República, quando a gente consegue concretizar. O senador Crivella estava me dizendo, Sérgio, que a primeira favela no Rio de Janeiro é resultado da Guerra do Paraguai. Os soldados que voltaram da Guerra do Paraguai e os negros que voltaram da Guerra do Paraguai foram morar no Morro da Providência, porque o Rei assim o quis. Pois bem, de lá para cá, nós estamos vendo que cada vez que tem um metro quadrado de asfalto, o povo mais pobre vai sendo tocado cada vez mais para longe do



asfalto, o povo vai subindo o morro. Em outros lugares, o povo vai morando na beira de encosta, depois vai morando na beira de córrego, ou seja, o povo vai sendo levado cada vez mais para os lugares mais sofríveis.

Quando nós pensamos o PAC, resolvemos que era preciso tomar uma medida que pudesse significar levar cidadania plena ao povo brasileiro que mora em situações desfavoráveis. Normalmente, quando se fala em favela, fala-se em tirar o povo de lá. “Vamos tirar o povo de lá.” Às vezes, querem tirar o povo do lugar e dar para ele uma casinha a 30 quilômetros de onde ele está morando, de onde ele tem sua vida já organizada, de onde ele trabalha. Ele não aceita, e não aceita por uma questão de justiça. Ele quer morar perto do local em que ele pode trabalhar. Ainda mais aqui, no Rio de Janeiro, tem uma vantagem, gente: morar no morro, se levantar de manhã e ver esse mar maravilhoso, não é para qualquer brasileiro.

Se tem gente chique no Brasil que consegue transformar uma moradia no morro numa atração turística... rico, quando mora em morro é chique, pobre é favela, é vergonha. Então, qual é a revolução que nós estamos anunciando aqui? Primeiro, são 2 bilhões e 92 milhões de reais para atacar a questão aqui no Rio de Janeiro. Ora, nós não vamos dizer que vamos construir mansão, não temos dinheiro para isso. Agora, o que nós precisamos fazer é transformar onde vocês moram num lugar decente e digno, onde vocês possam se orgulhar de morar. Vai ter que abrir rua, porque aqui vai ter um elevador. Muita gente vai dizer: “nossa, fazer elevador? Para que pobre quer elevador? Elevador é para rico.” Não, o elevador é para o pobre subir esse morro, para uma mulher não ter que subir com uma sacola embaixo do braço ou com o botijão de gás. Faz um elevador. E vai chegar diretamente no metrô. Ele vai descer do elevador, entrar no metrô, vai trabalhar, voltar e subir. Isso é para que as pessoas possam se cansar apenas trabalhando, e não no percurso que vai de onde mora até o trabalho.

Este investimento aqui vai permitir que vocês conquistem uma coisa



sagrada, que é a cidadania de vocês. E nós estamos fazendo isso por quê? Porque aqui no Rio de Janeiro... e não escolhemos governadores, vejam, nós estamos fazendo isso em todos os estados da Federação. São 40 bilhões de reais que nós estamos colocando para atacar, principalmente, as 13 principais regiões metropolitanas do País. Aqui no estado do Rio de Janeiro, ao todo, são 3 bilhões e 900 milhões do PAC, uma parte do estado e uma parte do governo federal, uma parte financiada, uma parte de contrapartida.

Eu, Sérgio, tenho clareza de que os prefeitos do Rio de Janeiro, os prefeitos do interior do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense, nunca viram, nesses últimos 50 anos, tanto dinheiro para investir em saneamento básico, para cuidar do esgoto, para cuidar da água, para evitar enchente. E isso só é possível quando existe uma relação civilizada entre governador e presidente da República. Quando um dos dois é enxerido, quando um dos dois é metido, quando um dos dois começa a pensar que é melhor do que o outro, a coisa não dá certo. Como não dá certo entre dois vizinhos, como não dá certo entre duas vizinhas, não dá certo também entre presidente e governador.

Na medida em que o Rio de Janeiro elege um governador despojado, disposto a fazer as coisas para o povo do Rio de Janeiro, e vocês me elegeram com a disposição de fazer, nesses próximos quatro anos, muito mais do que fizemos nos primeiros quatro anos, nós temos que construir as parcerias, porque o resultado dessa parceria significa melhorar a educação das nossas crianças, significa melhorar a saúde das nossas crianças, significa mais condição de trabalho para os nossos homens e mulheres, significa mais cidadania para todo mundo. E isso nós estamos fazendo.

Aqui no Rio de Janeiro, a disposição do governador e do secretariado do governador de trabalhar para agilizar as coisas, está sendo, eu diria, quase uma revolução no comportamento do Rio de Janeiro. Eu quero te dizer porque vivi em outro período aqui, Sérgio, que... não, não dá para contar como a relação era ruim. Em tudo, parecia que estava disputando alguma coisa. Agora



não. Agora é só pegar o telefone, ligar para o Sérgio Cabral: Sérgio, estamos pensando em tal coisa no Rio de Janeiro. “Tudo bem, vamos fazer”. Ele liga para mim: “Presidente, estamos pensando tal coisa no Rio de Janeiro”. Vamos fazer. O que vai acontecer, como resultado disso? Mais benefícios para o povo do Rio de Janeiro, recuperar a beleza do Rio de Janeiro.

Outro dia, o Crivella entrou na minha sala com um mapa, um pacote de fotografias, de desenhos, e falou assim: “Presidente, me ajuda, Presidente. Se o senhor me ajudar eu vou fazer uma revolução lá no Morro da Providência, que foi a primeira favela do Rio de Janeiro”. Eu falei: o que é? “É porque lá...” mostrou as casas para mim e falou: “Presidente, eu quero colocar telhado, eu quero pintar essas casas, fazer reboco nessas casas, Presidente. Vai ficar bonito as pessoas verem o Morro da Providência com as casinhas pintadas, com telhado”. Quanto é que custa? “Ah, vai custar não sei quanto por cada casa. Mande chamar o Márcio: Márcio, cuida disso aqui com o Crivella. Aí, passaram 10 dias e o Crivella falou: “Presidente, eu acho que o Márcio não quer fazer”. O Crivella falou: “Estou disposto até a pedir licença no Senado para ir fazer essa obra lá, para ir trabalhar no meio da comunidade. Chamei o Márcio outra vez: Márcio, vem cá. Por que você não está fazendo (Inaudível): “Eu estou fazendo, Presidente, é que precisa estudar, precisa ver o custo de cada obra”. Conclusão: o Exército já está trabalhando lá no Morro da Providência e eu penso que daqui a uns 7 ou 8 meses a gente vai poder ir lá e inaugurar todas as casas rebocadas, todas as casas com telhado, para ir melhorando. Sabe uma coisa que eu acho importante no ser humano? É quando a gente recupera a auto-estima, quando a gente vê que as coisas estão acontecendo favoravelmente à gente.

O Rio de Janeiro não tinha, acho, quase nenhum ministro, no governo passado. Agora tem o ministro da Saúde, tem o ministro das Cidades, tem ministro do Trabalho, tem a Nilcéa, que era a única que tinha e tem o Gilberto Gil, que é carioca. É baiano, mas ele mora aqui no Rio de Janeiro. Então, o Rio



de Janeiro está com cinco ministros, meu caro, só perde para Minas Gerais. Pernambuco não tem nenhum ministro, não. Pernambuco tem a Caixa Econômica, que vale por alguns Ministérios, é verdade. Além de indicar ministros, o Rio de Janeiro me roubou vários companheiros do governo federal.

E por que a gente está conseguindo estabelecer essa harmonia? Porque eu acho que não é justo o Rio de Janeiro aparecer na imprensa nacional apenas nas páginas policiais. Não é normal e não é justo. Ora, é verdade que tem bandido, mas bandido tem em qualquer lugar do mundo. A maioria, 99% do povo do Rio de Janeiro é um povo que quer trabalhar, que quer estudar, que quer viver em paz. Mas, do jeito que aparece, às vezes, parece que tudo aqui está uma desgraceira só, quando não está.

E o que nós estamos querendo levar, gente? Essa urbanização que nós estamos querendo levar não é apenas fazer uma ruazinha, não. Junto com a rua tem que ter centros de lazer, tem que ter segurança, tem que ter escolas, tem que ter posto médico, para as pessoas sentirem que o estado está participando, que o governo federal está participando, que a prefeitura municipal está participando. Aí, as pessoas começarão a acreditar que o estado está cumprindo com a sua finalidade.

Por isso, Sérgio, é uma alegria estar aqui no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, para conversar com os companheiros e para dar essas boas notícias. No fundo, no fundo, Sérgio, você vai ver, você é muito jovem ainda, que quando você tiver passado pelo governo, tiver disputado outros cargos, você vai encontrar essa meninada que está aqui, com 8 anos, com 9 anos, com 10 anos, quando eles estiverem com 40 ou 50. Vão te encontrar bem velhinho e vão falar assim: "Sérgio, eu estava lá no dia em que o senhor foi lá no Pavão, Pavãozinho e no Cantagalo". Não é habitual o governante subir o morro. Então, eu acho que nós precisamos aprender que nos morros e nas favelas de São Paulo, nas palafitas de Salvador, nos alagados de Salvador, nas palafitas do Maranhão, nas palafitas de Pernambuco, nesses lugares mais pobres mora a



essência da raça brasileira, mora a essência do povo brasileiro.

Então eu acho, Sérgio, que o dia de hoje é marcante para mim como presidente da República. Eu estou vendo aqui os companheiros da luta pela moradia, que tiveram um problema na semana passada – a gente estava na Conferência Nacional –, eles estavam num prédio da Previdência Social aqui. Eu pedi para o Márcio ligar para o ministro da Previdência Social e não deixar tirá-los, é o prédio do INSS. Eu mandei meu assessor dizer para vocês que na semana que vem eu tenho uma reunião com o ministro da Previdência, com o ministro do Planejamento e com a secretária do Patrimônio para a gente resolver, porque uma coisa que eu quero resolver é que tem muito prédio público, meu caro Joaquim Levy, muito prédio público que o governo federal não usa, que o INSS não usa e que fica juntando baratas e juntando coisas que não prestam, quando a gente deveria transformar em habitação para o povo morar. Nós vamos cuidar disso com carinho, na semana que vem.

No mais, Sérgio, eu quero te dizer: continue assim que você não perderá absolutamente nada e o Rio de Janeiro ganhará muito. Agora, queria lembrar a vocês... Eu estou dizendo para o Sérgio, todo dia, que em março vai acontecer uma coisa no Rio de Janeiro que vai mudar a cara do estado do Rio de Janeiro. Em março, nós vamos começar aqui no Rio de Janeiro a construção, vai começar o processo de terraplanagem...

Minc, é preciso ajudar na questão do licenciamento todo do pólo petroquímico. Nós vamos fazer o maior pólo petroquímico que o País já conheceu aqui no Rio de Janeiro, lá em Itaboraí. Vai pegar uma parte de São Gonçalo, vai pegar uma parte de Niterói. É um investimento de 9 bilhões de dólares, portanto, é muito dinheiro. Vai mudar a cara do Brasil na indústria petroquímica e nós vamos entrar como top de linha na produção da indústria petroquímica. Eu quero vir aqui com o Sérgio e o Márcio para começar o processo de terraplanagem, e vai gerar milhares e milhares de empregos para o povo do Rio de Janeiro. Vamos ter que urbanizar. Em uma cidade como São



Gonçalo, que não tem quase esgoto, vai ter que fazer esgoto, vai ter que levar água para lá e para a região.

Então, Sérgio, eu estou muito feliz. O ministro da Pesca acaba de falar que comprou um terreno da BR aqui e vai fazer um terminal pesqueiro para que o povo do Rio de Janeiro possa... na Ilha do Governador. Aí, até eu venho de Brasília comprar peixe fresco aqui, para comer.

Eu quero dizer para vocês que se o Sérgio e eu tivermos juízo, se os secretários do Sérgio e os meus ministros tiverem juízo, se a gente não permitir que nada nos melindre – a gente não pode permitir que nenhuma coisa pequena crie qualquer distanciamento entre nós – eu posso garantir para vocês: o Rio de Janeiro vai recuperar a auto-estima que há muito tempo o Rio de Janeiro perdeu. E é importante dizer para todo mundo: fazer o que a gente está fazendo nos bairros mais pobres não é gastar dinheiro com luxo para pobre, é gastar dinheiro para a cidadania dos 190 milhões de brasileiros que têm direito aos recursos que nós conseguimos arrecadar neste País.

Por isso, Sérgio, mais uma vez, obrigado. Você sabe que é sempre bom estar no Rio de Janeiro, um pouco magoado porque o Vasco não precisaria ter feito aquilo com o meu Corinthians, um empate já estava bom. O Vasco não ganhou nada, o Corinthians perde tudo. Está certo que o gol foi até sem querer. Talvez o centroavante não quisesse marcar o gol e a bola bateu na perna do jogador do Corinthians que, também, talvez não quisesse marcar o gol contra. Um acidente. Agora, eu queria pedir para você, que é vascaíno, que torcesse para o Corinthians no domingo, contra o Grêmio. Uma fezinha a mais não faz mal para ninguém.

Aos companheiros da comunidade: olhem, eu quero dizer para vocês que quando eu vejo pessoas, num bairro pobre deste País, com a disposição de assumir a coordenação, eu fico feliz porque eu volto para casa com a consciência de que todo problema brasileiro tem jeito. Parabéns aos dois chefes das comunidades do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo.



E quero dizer às lideranças do Andaraí que estavam aqui tão nervosas... eu não sei se tem projeto. Tem projeto para o Andaraí? Se não tiver, vai ter, porque a verdade é que nós precisamos atacar definitivamente os problemas cruciais do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, da Bahia, de Pernambuco, do Ceará, ou seja, onde o problema for maior, nós temos que atacá-lo com mais rapidez, com mais dinheiro.

Por isso, eu quero agradecer a todos vocês, de coração, a presença de vocês, dos secretários. E mais uma vez, Sérgio, muito obrigado pelo dia de hoje.

Um abraço.